

SOBRE “IMAGINAR COM OS OLHOS DA MEMÓRIA”: CONSIDERAÇÕES ACERCA DE LINGUAGEM, MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE, A PARTIR DO “RELATO DE UM CERTO ORIENTE”, DE M. HATOUM

“IMAGINING THROUGH THE EYES OF MEMORY”: CONSIDERATIONS ABOUT LANGUAGE, MEMORY, AND SUBJECTIVITY IN M. HATOUM’S “RELATO DE UM CERTO ORIENTE”

Rita Gabrielli¹

Mestre em Letras

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

(rihgab@gmail.com)

RESUMO: *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum, consiste em uma narrativa que apresenta ao leitor, a partir de quatro perspectivas, a história de uma família libanesa radicada em Manaus. A neta-filha de Emilie, depois de um longo período de ausência, retorna à terra natal com o propósito (irrealizado) de reencontrar-se com a avó-mãe. A ela (a neta-filha) Hatoum, por meio do “ato ficcional” (ISER, 2002a), concede a autoria do relato que se apresenta ao leitor. A obra, do ponto de vista do mundo do texto, consiste no anúncio da morte de Emilie, feita pela narradora-escritora, ao irmão, também adotado pela matriarca. Do ponto de vista da realidade – do “mundo extratextual”, na acepção de Iser (2002a) –, esse romance pode ser visto como uma interessante reflexão de Hatoum sobre os papéis da memória e da narrativa na construção subjetiva. Este trabalho objetiva, portanto, verificar como se relacionam memória, subjetividade e o ato de narrar, no romance em questão. Para tanto, serão utilizadas as concepções de língua(gem) e subjetividade de Benveniste (1989a; 1989b; 1976a; 1976b) e as noções de “ato ficcional”, de Iser (2002a) e de “autor implícito”, de Booth (1983).

Palavras-chave: Enunciação. Língua(gem). Subjetividade. Memória.

ABSTRACT: Milton Hatoum’s *Relato de um Certo Oriente* presents the story of a Lebanese family based in Manaus from four perspectives. Emilie’s (grand)daughter, after a long period of absence, returns to her homeland with the (unrealized) purpose of reuniting with her (grand)mother. Hatoum, through the “fictional act” (ISER, 2002a), ascribes the authorship of the story to the [(grand)daughter]. The novel, from the point of view of the world of the text, consists in the announcement of the death of Emilie by the narrator-writer to her brother, also adopted by the matriarch. From the point of view of reality – from the “extratextual world”, in the sense proposed by Iser (2002a) – this novel can be seen as an interesting reflection on the roles of memory and narrative in the subjective construction. This paper aims, therefore, to verify how memory, subjectivity, and the act of narrating are related in the novel. To do so, Benveniste’s (1989a; 1989b; 1976a; 1976b) concepts of language and subjectivity will be considered, as well as the notions of “fictional act” by Iser (2002a) and of “implied author” by Booth (1983).

Keywords: Enunciation. Language. Subjectivity. Memory.

¹ Doutoranda em Letras – Literaturas de Língua Portuguesa – Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. Bolsista CAPES.

Relato de um certo oriente, de Milton Hatoum, publicado inauguralmente em 1989, consiste em uma narrativa que apresenta ao leitor, a partir de quatro perspectivas, a história de uma família libanesa radicada em Manaus. A neta-filha de Emilie, depois de um longo período de ausência, retorna à terra natal com o propósito (irrealizado) de reencontrar-se com a avó-mãe. A ela (a neta-filha) Hatoum, por meio do “ato ficcional” (ISER, 2002a), concede a autoria do relato que se apresenta ao leitor. A obra, do ponto de vista do mundo do texto, consiste no anúncio da morte de Emilie, feita pela narradora-escritora, ao irmão, também adotado pela matriarca. Nos quatro derradeiros parágrafos do romance, a escritora fala ao irmão das dificuldades do processo de construção do relato, bem como de sua finalidade, e desse momento da narrativa, transcreve-se o trecho a seguir:

Para te revelar (numa carta que seria a compilação abreviada de uma vida) que Emilie se foi para sempre, comecei a imaginar com os olhos da memória as passagens da infância, as cantigas, os convívios, a fala dos outros, a nossa gargalhada ao escutar o idioma híbrido que Emilie inventava todos os dias. (HATOUM, 2013, p. 148)

Do ponto de vista da realidade – do “mundo extratextual”, na acepção de Iser (2002a) –, o romance² pode ser visto como uma interessante reflexão de Hatoum sobre os papéis da memória e da narrativa na construção subjetiva. Este trabalho objetiva, portanto, verificar como se relacionam memória, subjetividade e o ato de narrar, na obra em questão. Para tanto, serão utilizadas as concepções de língua(gem) e subjetividade de Benveniste (1989a; 1989b; 1976a; 1976b) e as noções de “ato ficcional”, de Iser (2002a), e de “autor implícito”, de Booth (1983).

Para Benveniste, a linguagem é uma capacidade constitutiva do homem e a língua consiste em um “sistema de signos” a ser atualizado no discurso, por meio da “enunciação”, caracterizando-se, portanto, como possibilidade de realização da linguagem. O homem nunca está fora da língua(gem), porque ela lhe é imanente, conforme é possível verificar no trecho a seguir:

² Segundo a perspectiva adotada neste trabalho, o romance é uma forma literária constituída de muitas formas, sempre aberta a transformações e que trabalha, das mais diversas formas, para a (re)significação dos limites da linguagem, como forma de encenar a realidade – sempre marcada pelo caráter lacunar e, portanto, enigmático das relações humanas. Essa perspectiva se encontra elaborada de forma mais detalhada na dissertação de mestrado intitulada “Ruínas no discurso, discurso em ruínas e o trabalho de Sísifo: considerações sobre categorias da crítica literária, a partir de ‘Dois irmãos’, de M. Hatoum, e ‘eles eram muitos cavalos’, de L. Ruffato” – disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_PereiraRG.pdf>.

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, 1976, p. 285)

É interagindo com o outro que o homem experiencia o mundo, e é pela interação que ele se torna consciente de si. A intersubjetividade só é possível pela lingua(gem), pelo fato de ser, conforme afirma Benveniste, “na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’.” (1976a, p. 286 – grifo do autor) Segundo a perspectiva do linguista, subjetividade é, então, a capacidade de um indivíduo de se propor como “locutor”; ou seja, é a capacidade do indivíduo de constituir uma “enunciação” ao, estando situado em um espaço-tempo, instaurar um “alocutário”, situando-o nesse espaço-tempo, falando-lhe sobre algo ou alguém. Em outras palavras, é identificando-se como um “eu”, diante do outro, instaurando-o como um “tu”, “aqui e agora”, que cada um dos indivíduos em interação se constitui sujeito.

Seguindo essa diretriz do pensamento, diante de **Relatos de um certo oriente**, tem-se o autor, Milton Hatoum, que, em um espaço-tempo x, projetando um “interlocutor”, constrói um romance. Este, ao ser lido em um espaço-tempo y, faz vir em cena o leitor. O leitor, por sua vez, na atividade de leitura, atualiza esse “interlocutor” projetado pelo autor no momento da escrita, ao instaurar-se no espaço-tempo do texto, constituindo-se como “interlocutor” de Hatoum. A essa projeção autoral de um “interlocutor”, convencionou-se chamar de “leitor implícito”, e ela tem a função de guiar o autor na construção do “autor implícito”, que, segundo a perspectiva de Wayne Booth (1983), consiste em um “*second-self*”, ou seja, em uma versão textual do autor empírico. É pela construção de uma versão textual de si, guiada pela projeção de um leitor, que o autor pode construir um espaço-tempo ficcional em que se instaurarão, por projeção, tanto ele (no ato de escrita) quanto o leitor (no ato de leitura), e, assim, se constitui sujeito-escritor.

A escrita e a leitura de um texto configuram-se, portanto, como a encenação de uma “enunciação”. Diz-se encenação porque a “enunciação”, conforme postulada por Benveniste, é essencialmente oral, já que, para a sua ocorrência, é necessário

que os “interlocutores” estejam em um mesmo “aqui-agora”. Na situação de interlocução entre autor e leitor, pela via do texto escrito (seja ele literário ou não), ela ocorre somente pela via do espaço-tempo do texto, que é ficcional (independentemente de ser literário ou não) por só existir enquanto construção textual.

Há, entretanto, uma particularidade da configuração enunciativa do texto literário que o difere do texto não-literário, a saber, a proposição, por parte do autor, de um “pacto ficcional” (ISER, 2002a; 2002b). O “pacto ficcional” é uma espécie de contrato feito entre autor e leitor que postula que o mundo do texto seja tomado “como se” fosse realidade; ou seja, que o mundo do texto seja tomado como uma possibilidade de realidade distinta daquela extratextual em que vivem autor e leitor.

Para que ocorra esse pacto, então, o autor deve propô-lo construindo um texto a partir da articulação do “mundo extratextual” (ou seja, do “real” postulado por Iser) a um “imaginário”, por meio da operação de “fingir”. Essa operação é, portanto, articuladora de uma tríade – real-fictício-imaginário –, que realiza um “imaginário” ao torná-lo compartilhável pela via da língua(gem), ao mesmo tempo que irrealiza o “real” (“o mundo extratextual”) ao transformá-lo em signo. Em outras palavras, o “ato ficcional” pode ser entendido como

Uma relação entre o mundo vivencial e o que se imaginou dele, construída, em parte de forma consciente, em parte de forma inconsciente, pelo autor, a partir da mobilização da língua(gem). E, ao fingir, o autor visa a tornar registrável/compartilhável o indizível de sua experiência de forma a tocar na relação do leitor com o mundo vivencial por meio da ativação, via signo fraturado/transgredido, da percepção do leitor da sua própria parcela de experiência além-signo que em alguma medida se assemelha a do autor. O fingir pode ser visto, portanto, como um recurso enunciativo, que demanda, assim, a participação ativa do alocutário para se realizar (PEREIRA, 2014, p. 39-40).

No que concerne ao papel do leitor no “pacto ficcional”, ele deve interagir com as pistas autorais (seja pela via da “obediência”, seja pela via da transgressão construtiva), para atuar na construção de sentido do texto, tomando o mundo ali apresentado como uma realidade construída a partir da realidade vivencial, mas que a extrapola.

Assim, o processo enunciativo engendrado a partir do **Relato de um certo oriente** possui a configuração apresentada a seguir. No mundo vivencial, há, de um lado, o “enunciador” Hatoum, que por meio de seu texto, convoca leitores situados

nos mais diversos espaços-tempos a instaurarem-se no espaço-tempo do texto, constituindo-se, assim, como “enunciatórios” dele. Do outro lado, há o leitor, que se projeta no texto, interagindo com autor pela via da interação com o autor implícito, ou seja, com as “pistas autorais”. A “enunciação” entre Hatoum e seu leitor é, portanto, constituída pela “enunciação” entre o “autor implícito” e o “leitor implícito” – recursos enunciativos construídos pelo autor, com os quais interage o leitor no ato de leitura. Essa “enunciação”, por sua vez é constituída pela “enunciação” entre a narradora-escritora e seu irmão, situado em Barcelona. Por se tratar de um processo interativo pela via da escrita, a narradora-escritora cria um espaço-tempo ficcional – o espaço-tempo construído por referências textuais –, para tanto, criando um “*second self*” seu – uma versão textual de si –, a partir da projeção que faz do seu irmão enquanto leitor. Essa “enunciação” (entre a narradora-escritora e o irmão) é ainda constituída por múltiplas enunciações entre ela e os personagens de seu relato e de personagens entre si. A seguir encontra-se uma figura representativa da configuração enunciativa do romance de Hatoum:

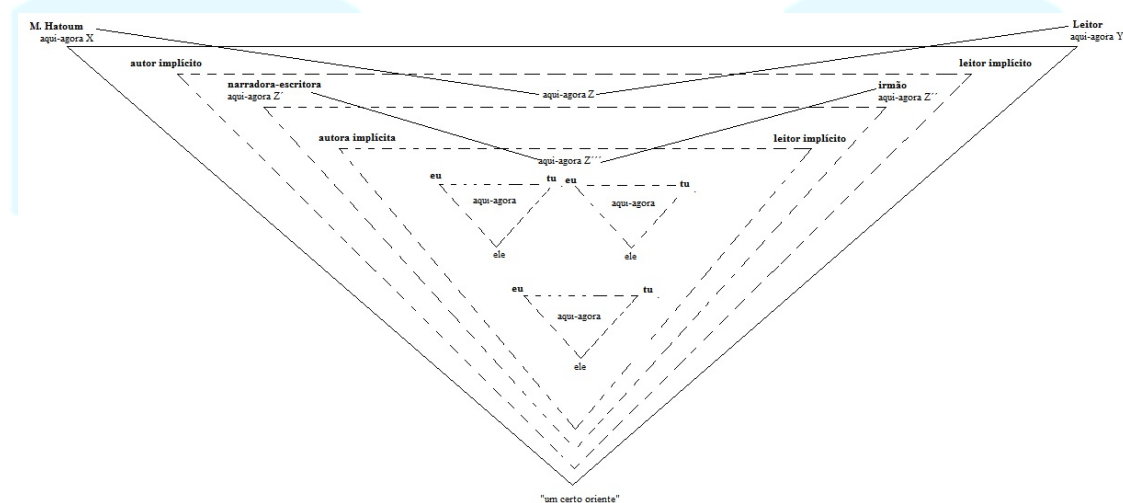


Figura 1: configuração enunciativa do “Relato de um certo oriente”
Fonte: elaborada pela autora.

Hatoum, portanto, diante do leitor, propõe-se como “locutor”, através do “ato ficcional”, para dizer-lhe o que, da sua singular experiência, não poderia ser dito de outro modo. Para isso, ele cria uma escritora que narra ao irmão, agenciando, para tanto, as narrativas de outros (o tio Hakim e os amigos de longa data da família, Gustav Dorner e Hindié Conceição), para, narrando as memórias familiares, avisá-lo

da morte de Emilie. Com isso em mente, faz-se possível, agora, deter atenção no modo como a memória aparece encenada no **Relato de um certo oriente**, para, então, relacionar memória à “enunciação” e à subjetividade.

Logo no princípio do romance, a narradora-escritora, cujo nome jamais é revelado, aponta o caráter sensorial da memória. É pelos sentidos que a memória emerge. A esse respeito, demanda a atenção este trecho, no qual um aroma desencadeia uma série de lembranças corporais decorrentes de uma atividade que marcou a infância da narradora:

A atmosfera da casa estava impregnada de um aroma forte que logo me fez reconhecer a cor, a consistência, a forma e o sabor das frutas que arrancávamos das árvores que circundavam o pátio da nossa casa. (HATOUM, 2013, p. 7-8)

Ainda concernente à encenação do caráter sensorial da memória, revela-se merecedor de atenção o seguinte trecho, no qual se vê, como desencadeador do lembrar, o sentido da visão: “Fiquei intrigada com esse desenho que tanto destoava da decoração suntuosa que o cercava; ao contemplá-lo, **algo latejou na minha memória, algo que te remete a uma viagem, a um salto que atravessa anos, décadas**” (HATOUM, 2013, p. 8 – grifo nosso). Atente-se, ainda, para a referência à memória como algo que “lateja” e que atravessa o tempo. A memória é aí vista como intensa (porque lateja) e, em certa medida, como propulsora, já que promove projeções temporais ao passado e, assim, pode atuar, junto com o presente, na construção de projeções temporais ao futuro. No decorrer de toda a narrativa, persiste esse apontamento do caráter sensorial da memória. Como mais um exemplo, na “enunciação” de Hakim, reproduzida pela narradora-escritora, mais uma vez o olfato aparece como desencadeador do processo de lembrança, quando ele lembra que, nas conversas entre ele, a mãe e Anastácia Socorro, o “aroma dos figos era a ponta de um novelo de histórias narradas” (HATOUM, 2013, p. 79) por Emilie.

Para a narradora, a memória é algo infernal e paralisante. Sobre isso ela afirma:

A conversa com os animais, os sonhos de Emilie, o passeio ao mercado na hora que o sol revela tantos matizes do verde e ilumina a lâmina escura do rio. Na fala da mulher que permanecera diante de mim, havia uma parte da vida passada, **um inferno de lembranças**,

um mundo paralisado à espera de movimento. (HATOUM, 2013, p. 9 – grifo nosso)

Já na perspectiva do irmão da escritora de Hatoum a memória é inauguradora da vida, imprescindível, portanto, e poder recordar, ainda que momentos traumáticos, é um privilégio. No momento da narrativa em que a escritora de Hatoum transcreve um trecho de uma carta que o irmão lhe enviara, lê-se:

Numa das cartas que me enviaste, escreveste algo assim: **“A vida começa verdadeiramente com a memória**, e naquela manhã ensolarada e fatídica [a da morte de Soraya Ângela], tu te lembras perfeitamente das quatro pulseiras de ouro no braço direito de Emilie e do seu vestido bordado com flores; **que privilégio, o de poder recordar tudo isso**, e eu? vestido de marinheiro, não participava sequer do estarrecimento, da tristeza dos outros [...] Soube, por ti, que eu quase testemunhara a sua morte; vã testemunha, onde eu estava naquela manhã?” (HATOUM, 2013, p. 19 – grifos nossos)

Essa perspectiva enaltecida da memória parece ser fruto da relação desse personagem com as atividades de ouvir, ler e contar histórias, desencadeada pela relação com o avô-pai, que passava “horas jogando gamão e contando histórias” (HATOUM, 2013, p. 17) para o neto-filho. O avô-pai, segundo relata Dorner, de seu característico “ensimesmamento”, saía apenas para falar sobre as histórias que lia. Nas palavras do personagem-narrador:

No início da nossa amizade ele se mostrava circunspecto e reservado, mas ao concluir a leitura da milésima noite ele se tornara um exímio falador. Às vezes, a leitura de um livro desvela uma pessoa. Mas o curioso é que ele sempre deixava uma ponta de incerteza ou descrédito no que contava, sem nunca perder a entonação e o fervor dos que contam com convicção. (HATOUM, 2013, p. 71)

A respeito da relação do patriarca com narrativas (as que lê e as que conta), Dorner prossegue narrando, de forma a evidenciar a mistura entre ficção e realidade, constitutiva da memória:

Os fatos e incidentes ocorridos na família de Emilie e na vida da cidade também participavam das versões confidenciais por teu pai aos visitantes solitários da Parisiense. O que me fez pensar nisso foi a coincidência entre certas passagens da vida de outras pessoas, que mescladas a textos orientais ele incorporava à sua própria vida. **Era como se inventasse uma verdade duvidosa que pertencia a ele e a outros.** Fiquei surpreso com essas coincidências, mas, afinal, **o tempo acaba borrando as diferenças entre uma vida e um livro.** (HATOUM, 2013, p. 71 – grifos nossos)

Talvez seja em nome do gosto por narrativas, herdado do avô-pai, que o neto-filho de Emilie, ao saber da viagem da irmã a Manaus, tenha-a encorajado a escrever um minucioso relato do que quer que acontecesse de diferente ali. Nas palavras do personagem, transcritas pela narradora-escritora: “Se algo inusitado acontecer por lá, disseque todos os dados, como faria um bom repórter, um estudante de anatomia, ou Stubb, o dissecador de cetáceos” (HATOUM, 2013, p. 147). Esse encorajamento parece ter contribuído para que a narradora-escritora transformasse a sua concepção de memória, como algo infernal e paralisante, em uma relação criativa com as próprias lembranças. Ela passa a ver o recordar como um ato imaginativo.

Essa transformação de perspectiva será abordada de forma mais detalhada logo mais. Por hora, é interessante observar como a escritora de Hatoum aponta para a relação entre ficção e memória, ao contrastar a relação que ela estabelece com a dimensão ficcional da vida com a que o irmão nutre. Sobre a relação do irmão com a ficção, à qual ela se refere como “mentira”, a narradora-escritora afirma:

Tu e a tua mania de fazer do mundo e dos homens uma mentira, de inventariar ilusões no teu refúgio da rua Montseny, ou nas sórdidas entranhas do “Barrio Chino” no coração noturno de Barcelona, para poder justificar que a distância é um antídoto contra o real e o mundo visível (HATOUN, 2013, p.120-121).

Sobre ela própria, a narradora-escritora diz do fato de que seu aprisionamento à realidade a levou a passar uma temporada em um hospital psiquiátrico: “Eu, ao contrário, não podia, nunca pude fugir disso. De tanto me enfronhar na realidade, fui parar onde tu sabes: entre as quatro muralhas do inferno” (HATOUM, 2013, p. 121).

No romance, há também o contraste entre as formas de se relacionar com as lembranças de dois outros personagens, a saber, a de Dorner e a de Emir, irmão de Emilie. As lembranças de Emir – das quais faz parte um amor impedido – o levaram a suicidar-se. Trata-se, portanto, de uma relação destrutiva com a memória, em certa medida, convergente com a primeira forma da narradora-escritora de se relacionar com as suas lembranças. Dorner, assim como o neto-filho e o avô-pai, estabelecia uma relação criativa com a memória, de forma a ser considerado por Hakim como possuidor de “uma memória invejável”, conforme se lê no trecho a seguir:

Possuía, além disso, uma memória invejável: todo um passado convivido com as pessoas da cidade e do seu país pulsava através da

fala caudalosa de uma voz troante, açoitando o silêncio do quarteirão inteiro. Mas a memória era também evocada por meio de imagens; ele se dizia um perseguidor implacável de “instantes fulgurantes da natureza humana e das paisagens singulares da natureza amazônica”. Há tempos ele se dedicava à elaboração de um “acervo de surpresas da vida”: retratos de um solitário, de um mendigo, de um pescador, de índios que moravam perto daqui, de pássaros, flores e multidões (HATOUM, 2013, p. 53).

Quanto à relação de Hakim com a memória, ela é atravessada pelo hábito de Emilie de cultivar seu passado. Ele, que assim como o pai e o sobrinho nutria intensa afeição pela atividade de leitura e pela narração oral de histórias, perturbava-se mais do que todos os membros da família com a postura enigmática de Emilie diante do relógio onde guardava suas relíquias. Desvelar o passado da mãe, em suas secretas incursões no relicário de Emilie tinha, para Hakim, o valor de desbravar a intimidade da mãe, de, metaforicamente, desbravar o útero materno – lugar por excelência da origem. A esse respeito, deve-se ler o seguinte trecho, retirado do momento da narrativa em que Hakim relata seu encontro com os objetos secretos de Emilie, depois de descobrir o esconderijo da chave que protegia o relicário do acesso das outras pessoas: “Eram datas e lugares citados esparsamente por Hindié, e eu queria associá-los à vida de Emilie, **descobrir os eventos guardados no ventre daquela caixa escura**” (HATOUM, 2013, p. 48 – grifo nosso).

Ao conhecer a história de Emilie antecedente ao seu casamento com o pai de seus filhos, Hakim se encontra com os desejos e anseios da mulher que o gerou anteriores à maternidade e até mesmo ao casamento. O saber de Hakim do desejo de ser freira que impulsionava a Emilie do passado, em contraste com a convivência com a mãe, fê-lo amplificar o sentido do “véu da morte”, no momento em que recebe as duas últimas fotografias de Emilie. Esse véu parece representar o luto de Emilie não só pela morte do marido, mas também e sobretudo, pelo seu desejo impedido, o qual passou a vida ocultando em seu secreto e sagrado relicário, mais ou menos apartado do mundo em que ela era esposa ardentemente apaixonada e mãe dedicada. O trecho a seguir consiste numa parte da rememoração do momento em que Hakim recebeu as duas últimas fotos enviadas por Emilie:

Sentia-me ali, juntinho de Emilie, ocupando outra cadeira de vime, atento ao seu olhar, à sua voz que não me interrogava, que aparentava não relutar que eu fosse embora para sempre. A voz e a imagem me fazem recordar um mundo de desilusões, onde um rosto

sombrio se cobre com um véu espesso enunciando uma morte que já iniciara. Ela falava para desvelar este véu tecido há muito tempo, e que pouco a pouco foi se alastrando na sua vida (HATOUM, 2013, p. 94).

Esse trecho revela a mistura que se fez, na memória de Hakim, entre as duas últimas fotos recebidas de Emilie, a foto anterior, em que ela aparece enlutada pela morte do marido, usando um véu negro, e a lembrança da tarde em que se despediu da mãe, ao anunciar sua partida definitiva da casa dos pais. Aparece aí, então, encenada outra característica da memória, que é a condensação espaciotemporal.

Sobre a característica da memória de promover a sobreposição, a condensação de espaços-tempos, vale atentar para o seguinte trecho, transcrito do momento da narrativa em que Hakim relembra uma conversa que teve com Hindié Conceição, na qual ela relatou o desentendimento, motivado por um conflito religioso, ocorrido entre Emilie e o marido, numa véspera de natal:

Hindié revelou novamente o rosto e me olhou como se eu fosse um eco, uma reverberação do descontrole paterno, **como se o tempo tivesse dado uma guinada para trás e naquele instante ela estivesse compartilhando as lamúrias com Emilie e eu andasse sumido após ter profanado o espaço do quarto** (HATOUM, 2013, p. 39 – grifo nosso).

Observa-se, no fragmento acima, como o ato de rememorar, numa “enunciação” com Hakim, um episódio ocorrido anteriormente ao momento dessa “enunciação”, faz com que Hindié se projete no passado e transfira para o seu “interlocutor” (o Hakim) as emoções dirigidas ao patriarca, despertadas na “enunciação” passada entre ela e Emilie. Esse trecho sublinha uma característica do ato de rememorar que é encenada em todo o romance e que explicita a íntima relação entre memória, subjetividade e “enunciação”. Todos os atos de rememoração ficcionalmente construídos no romance ocorrem a partir de uma “enunciação”. E não poderia ser de outro modo, uma vez que, como foi discutido anteriormente, é pela língua(gem) que o homem experencia o mundo. Ainda que um sujeito desempenhe uma atividade rememorativa em silêncio, consigo mesmo, ele o faz por meio de um diálogo interior, que também consiste em uma “enunciação”, constituída por um “eu” e pelo “outro de si”. Hindié, ao se assumir “eu”, diante de Hakim, para narrar-lhe o episódio da briga entre Emilie e o marido, o faz ancorada na memória, em parte de forma consciente, em parte de forma inconsciente, das outras vezes em que disse

“eu”. Não só na memória daquela vez em que interagiu com Emilie, depois que o patriarca havia quebrado quase todas as peças sagradas da esposa que ficavam no quarto do casal, mas também em todas as outras vezes em que interagiu com o outro.

Assim ocorre com todo sujeito. Um sujeito se constitui como tal na relação com o outro, a qual só é possível pela língua(gem), e é porque dispõe da língua(gem) que é capaz de rememorar os eventos da vida que o fazem ser quem é. E por sua vez, é pela capacidade de memória que o homem pode realizar sua capacidade de linguagem, seja pela língua, seja por outros recursos de simbolização. Língua(gem) (que é propiciadora da atividade de narrar), memória e subjetividade, portanto, são constitutivas umas das outras.

A perspectiva segundo a qual se inter-relacionam memória, língua(gem) e subjetividade, apresentada neste artigo, é, portanto, convergente com a perspectiva do irmão da escritora de Hatoum, para quem a memória é imprescindível. E a perspectiva da memória como privilégio, que aparece no romance a partir desse personagem, se revela verdadeira no âmbito da obra, porque, quando a narradora-escritora escolhe escrever um relato da vida de Emilie, para contar ao irmão o acontecimento de sua morte, ela acaba por perceber o ato de rememorar como um ato imaginativo – criativo, portanto –, e acaba por assumir o lugar de “guardiã” da história daquela família – outrora ocupado por Emilie³. Resta considerar, por fim, que talvez a impossibilidade de a narradora-escritora se reencontrar com Emilie tenha sido decisiva para que ela escolhesse anunciar, ao irmão, sob a forma de um relato, a morte da matriarca e, assim, assumisse esse lugar (privilegiado) de “guardiã” da história da família.

Referências

BENVENISTE, É. A linguagem e a experiência humana. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. 4. ed. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes. 1989a. p. 68-80.

³ A atuação de Emilie como uma espécie de guardiã da história da família é apontada no relato de Hakim, reproduzido pela narradora-escritora, cujo trecho se apresenta a seguir: “Sempre pensei que os assuntos nebulosos eram decifrados por ela [Emilie], e ninguém ousava pronunciar uma sílaba sem o seu assentimento; todos os nossos fracassos e nossas fraquezas, quando não podiam ser evitados ou premeditados, ficavam restritos ao espaço fechado da parisiense ou da casa nova.” (HATOUM, 2013, p.74.)

____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. 4. ed. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes. 1989b. p. 81-90.

____. Da subjetividade na linguagem. _____. **Problemas de linguística geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo. 1976a. p. 284-293.

____. A natureza dos pronomes. In: _____. **Problemas de linguística geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo. 1976b. p. 277-283.

BOOTH, W. C. **The Rhetoric of Fiction**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1983. 552 p.

HATOUM, M. **Relato de um certo oriente**. São Paulo: Companhia das Letras (Companhia de Bolso), 2013. 148 p.

ISER, W. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: COSTA LIMA, Luiz (org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a. v.2. p. 955-987.

____. O jogo do texto. In: JAUSS, Hans Robert et al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. Coordenação e Tradução de Luiz Costa Lima. São Paulo: Paz e Terra, 2002b, p. 105-118.

PEREIRA, R.G. **Ruínas no discurso, discurso em ruínas e o trabalho de Sísifo: considerações sobre categorias da crítica literária, a partir de “Dois irmãos”, de M. Hatoum, e “eles eram muitos cavalos”, de L. Ruffato**. 2014. 88f. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de Concentração: Literaturas de Língua Portuguesa) –Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_PereiraRG.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2015.

Recebido em 29 de julho de 2016
Aceito em 22 de setembro de 2016